CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO SALGADO
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

ARTUR DE LIMA ROMÃO

DISCUSSÕES ACERCA DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

ICÓ - CE
2022

ARTUR DE LIMA ROMÃO

DISCUSSÕES ACERCA DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

Artigo submetido à disciplina de trabalho de conclusão de curso (TCC II) do curso de licenciatura em Educação Física do Centro Universitário Vale Do Salgado (UNIVS) a ser apresentado como requisito para obtenção de nota.

Orientadora: Prof.ª Me. Erika Suyanne Sousa Silva

ICÓ – CE

2022

ARTUR DE LIMA ROMÃO

DISCUSSÕES ACERCA DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

Artigo submetido à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC**I**) do curso de licenciatura em Educação Física do Centro Universitário Vale do Salgado (UNIVS) a ser apresentado como requisito para obtenção de nota.

Aprovado em_____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof.ª Me. Erika Suyanne Sousa Silva
Centro Universitário Vale do Salgado
Orientadora

_____

Prof. Me. Evandro Nogueira de Oliveira
Centro Universitário Vale do Salgado
1° examinador

_____

Prof.ª. Me. Edna Pinto Ferreira
Centro Universitário Vale do Salgado
2° examinador

RESUMO

ROMÃO, Artur de Lima. **DISCUSSÕES ACERCA DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.** 2022. 22f. Artigo (Licenciatura em Educação Física) – Centro Universitário Vale do Salgado, Icó-CE, 2022.

O conceito de gênero está relacionado à formação de uma sociedade em termos de papéis atribuídos a homens e mulheres. Pensar na escola e como ampliar a educação para as diversidades humanas significa superar inúmeros desafios que ainda existem neste campo. O objetivo desse estudo foi compreender a equidade de gênero nas aulas mistas de educação física. A metodologia utilizada baseou-se em uma abordagem qualitativa, descritiva voltada à revisão narrativa da literatura. Os dados foram analisados sob a ótica da Análise de Conteúdo por Bardin. Foi possível verificar que existem muitas dificuldades dentro das práticas relacionadas à equidade de gênero, desde a resistência na educação infantil em trabalhar a temática, a separação de gênero nas aulas práticas e à forma como o professor leciona junto à maneira como ele incentiva seus alunos. Portanto, trabalhar a ideia de homogeneização das aulas irá contribuir com o desenvolvimento social dos alunos, excluindo as práticas do desrespeito e da exclusão.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física Escolar. Equidade. Gênero.

ABSTRACT

ROMÃO, Artur de Lima. DISCUSSIONS ABOUT GENDER IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES. 2022. 22f. Article (Degree in Physical Education) – Centro Universitário Vale do Salgado, Icó-CE, 2022.

The concept of gender is related to the formation of a society in terms of roles assigned to men and women. Thinking about school and how to expand education for human diversities means overcoming countless challenges that still exist in this field. The aim of this study was to understand gender equity in mixed physical education classes. The methodology used was based on a qualitative, descriptive approach aimed at a narrative review of the literature. Data were analyzed from the perspective of Content Analysis by Bardin. It was possible to verify that there are many difficulties within practices related to gender equity, from resistance in early childhood education to working on the theme, the separation of gender in practical classes and the way the teacher teaches along with the way he encourages his students. Therefore, working with the idea of homogenizing classes will contribute to the social development of students, excluding practices of disrespect and exclusion.

KEYWORDS: School Physical. Education. Equity. Genre.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 6
2 OBJETIVOS 8
2.1 OBJETIVO GERAL **8**
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS **8**
3 REVISÃO DE LITERATURA 9
3.1 GÊNERO E SUAS SIGNIFICAÇÕES **9**
3.2 O OLHAR DO GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA **10**
4 METODOLOGIA 13
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA **13**
4.2 SOBRE A BUSCA **13**
4.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO **14**
4.4 PROCEDIMENTOS **14**
5 DISCUSSÕES 16
5.1 EQUIDADE DE GÊNERO NAS AULAS MISTAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA **16**
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS 19
REFERÊNCIAS 20

1 INTRODUÇÃO

O conceito de gênero está relacionado à formação de uma sociedade em termos de papéis atribuídos a homens e mulheres, uma compreensão de suas origens históricas, culturais, normas socialmente estabelecidas, ideias consistentes e identidade tangível, apontando o gênero principalmente como forma de mostrar as relações de poder (SCOTT, 1995).

Pensar na escola e como ampliar a educação para as diversidades humanas significa superar inúmeros desafios que ainda existem neste campo, mas também reconhecer a escola como um ambiente de convivência com a pluralidade e umas das áreas mais importantes para o debate e formação de atitudes. Segundo Ortiz (2007) tratar da diversidade escolar, empreende posicionar-se contra métodos de discriminação e preconceitos, ver que em diferentes contextos históricos, políticos, sociais e culturais, certas tensões foram feitas naturalmente e diminuídas, criando preocupações e divergências.

Diversas políticas sociais, bem como políticas públicas de educação, confirmam e permitem que o debate sobre gênero e sexualidade exista em instalações escolares, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) 9.394/96, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), no eixo transversal “orientação sexual” (1997), as Diretrizes Nacionais de Direitos Humanos, Constituição Federal de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), entre outros.

O debate de gênero e sexualidade nas escolas ainda vem sendo problematizado, principalmente por se tratarem de estudos culturais que produzem valores e saberes, controla comportamentos e atitudes, gera identidade, e integra certas relações de poder (MAGALHÃES, 2013). Desta forma, como a escola é um espaço que reproduz costumes e valida estereótipos de gênero a meninas e meninos, também se torna um lugar poderoso que pode expor tais temáticas como questões potenciais, assim como questões a serem (des) construídas com alunas/os, professoras/es, equipe pedagógica e comunidade escolar.

Segundo os PCNs, as aulas de educação física devem ser mistas para evitar a formação e/ou reprodução do sexo indireto, não podendo exigir efeitos diferenciados a meninas e meninos. Isso porque os alunos participam do mesmo ambiente, têm as mesmas aulas e professores, usam os mesmos textos, os mesmos programas, tem acesso ao mesmo conhecimento, à mesma linguagem e ao mesmo trabalho (CRUZ e PALMEIRA, 2009).

A Educação Física deve fornecer aos alunos informações válidas sobre os estereótipos de gênero, apontando estratégias para amenizar com essa discriminação, a fim de esclarecer as diferenças biológicas entre homens e mulheres, mas, além disso, tornou-se uma questão

fundamental para o comportamento e atitudes sociais trabalhados nas aulas da Educação Física Escolar.

Os impactos sociais e culturais de todos devem ser considerados juntamente com a proposta de ensino na organização do conteúdo classificado, estabelecendo parcerias, turmas mistas e desenvolvimento integral pleno. Como apontam os autores Cruz e Palmeira (2009), cabe ao professor de Educação Física compreender as diferenças entre os gêneros e respeitá-las, não as ver como obstáculos ao desenvolvimento de qualquer uma de suas carreiras. Sim, devem se ver como um importante estímulo para discussão, a fim de promover a igualdade, oportunidade para todos, tolerância e o respeito aos indivíduos.

Não o bastante, o esporte, quando centrado na competição ou no rendimento, numa perspectiva lúdica e de colaboração acadêmica, revela-se a possibilidade mais educativa para todos os gêneros, pois a partir do brincar, podemos transformar os alunos, as suas culturas, para lhes dar um espaço criativo. Recriam e transformam, atingindo assim o objetivo que podem desenvolver como cidadãos.

Sabe-se o quão é importante o debata de gênero nas aulas de educação física, da mesma forma que a sociedade muda seus pontos de vista e opiniões, seus propósitos de exploração também mudam, principalmente quando se trata da área de humanas. A vista disso, a Educação Física também mudou e mudou essencialmente ao longo dos anos e como resultado, a percepção da área está mudando.

Considerando que a escola acaba carregando e reproduzindo ideias e valores da sociedade contemporânea, as aulas de Educação Física também são afetadas. Assim, os estereótipos de gênero são amplamente criticados na sociedade, reimpressos no ambiente escolar e, claro, nas salas de aula.

A emergência da temática de gênero na educação física tem sido importante para nós conscientizar dos mecanismos de inclusão e exclusão que atravessam as questões de gênero, o que facilita sua intervenção.” Saraiva (2002, p. 83) afirma que a educação física deve considerar “[...] a importância do papel do professor na problematização e vivência das questões de gênero na prática pedagógica com seus alunos. E para isso eles mesmos precisam ser iluminados".

Nesse sentido, o trabalho reflete a importância que os profissionais de educação física têm diante da sociedade, onde estes podem transfigurar, fazendo com que os alunos se tornem cidadãos críticos e de certa forma, promovendo mudanças para reduzir as desigualdades sociais existentes.

Com isso, indaga-se: POR QUE O PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA DEVE TRABALHAR AS QUESTÕES DE GÊNERO NA ESCOLA?

2 OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

- Compreender como se da equidade de gênero nas aulas mistas de educação física.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever o contexto de gênero nas construções sociais;
- Expor as decorrencias de gêneros nas aulas mistas de educação física.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 GÊNERO E SUAS SIGNIFICAÇÕES

O Gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada deliberadamente as construções sociais e históricas produzidas em aspectos biológicos (LOURO, 2011). Portanto, gênero não se refere ao sexo biológico, mas ao "produto do trabalho cultural sobre a biologia" (PISCITELLI, 2009, p. 125), estando em nossa sociedade firmando no binarismo homem-mulher.

Segundo Matos (1997) as relações de gênero procuram mostrar as diferenças por meio de símbolos e significados. Desse modo as desigualdades são evidenciadas nas relações.

> Por sua característica basicamente relacional, a categoria gênero procura destacar que os perfis de comportamento feminino e masculino definem-se um em função do outro. Esses perfis se constituem social, cultural, e historicamente num tempo, espaço e cultura determinados. Não se deve esquecer, ainda, que as relações de gênero são um elemento constitutivo das relações sociais baseados nas diferenças hierárquicas que distinguem os sexos, e são, portanto, uma forma primária de ralações significantes de poder. (MATOS, 1997, P. 97).

Gênero é um conceito muito mais útil do que sexo para compreensão das identidades, papéis e expressões de homens e mulheres na vida cotidiana, tendo sido o contexto abraçado pelo movimento feminista e pela produção acadêmica para mulheres a partir dos anos 70, determinando os limites e caráter social entre homens e mulheres. (SCOTT, 1995).

O feminismo possibilitou erradicar a crença de que existe um modelo universal feminino ou masculino, que os configura como estruturas históricas e abre caminhos para construir indicadores de gênero como conceitos funcionais fora do espectro biológico, ou seja, dois opostos são reconstruídos (masculino x feminino, igualdade x diferenças, natureza x cultura), para vê-las como categorias vazias e transbordantes (BENTO, 2006).

Segundo Carvalho (1998), o uso mais comum do conceito de gênero é o proposto pelo feminismo da diferença. Essa rejeição da consideração da igualdade de gênero, que significa que a única diferença entre homens e mulheres pode ser biológica assim como outras diferenças culturais visíveis, baseadas em relações opressoras, portanto, devem ser eliminadas para que as relações sejam abertas entre seres “iguais”. Para teólogos e teóricos do feminismo, gênero se

refere a fatores culturais baseados no binarismo de base biológica. Por outro lado, traços femininos e, inversamente, traços masculinos: o conceito de diversidade torna-se um fator chave na análise e suporte de ferramentas operacionais (HITA, 1998).

De acordo com Louro,

> Gênero, bem como a classe, não é uma categoria pronta e estática. Ainda que sejam de naturezas diferentes e tenham especificidade própria, ambas as categorias partilham das características de serem dinâmicas, de serem construídas e passiveis de transformação. Gênero e classe não são também elementos impostos unilateralmente pela sociedade, mas com referência a ambos supõe-se que os sujeitos sejam ativos e ao mesmo tempo determinados, recebendo e respondendo às determinações e contradições sociais. Daí advém a importância de se entender o fazer-se homem ou mulher como um processo e não como um dado resolvido no nascimento. O masculino e o feminino são construídos através de práticas sociais masculinizantes ou feminizantes, em consonância com as concepções de cada sociedade. Integra essa concepção a ideia de que homens e mulheres constroem-se num processo de relação (LOURO, p.57. 1992).

No decorrer dos anos, os estudos sobre o gênero conseguiram alcançar um patamar elevado de informações, que permitem um balanço histórico de diferenças entre homens e mulheres, tanto biologicamente, quanto socialmente. É possível destacar ainda, que independente das diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres existe outra social e culturalmente construída.

3.2 O OLHAR DO GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Nogueira e Rodrigues (2008) alertam que a disciplina Educação Física, por meio de suas aulas, continua reproduzindo uma educação sexista, reforçando o papel do sexo na escolha das atividades próprias de meninos e meninas, separando assim as equipes masculinas e femininas das competições escolares. Nas aulas de Educação Física esse olhar enviesado para trabalhar com turmas homogeneizadas era justificado pelo fato dos corpos e habilidades entre meninas e meninos serem diferentes. Para Altmann et. al (2009)

> A separação é justificada com argumentos fundamentados nas ciências biológicas, de acordo com os quais, homens e mulheres teriam corpos biologicamente distintos, ou seja, diferenças de estatura, força física, habilidade etc., que impossibilitariam a prática conjunta nessas aulas.

Esse argumento ainda se faz presente hoje. (p.4)

Cruz e Palmeira (2009) ressaltam que há um tratamento diferenciado dos meninos para com as meninas, e a disciplina muitas vezes auxilia a consolidar ideias errôneas, tornando-se um lugar propício para manutenção de estereótipos, pois há incutido na sua cultura a pseudo-superioridade masculina, pelo fato dos meninos demonstrarem maiores habilidades no desenvolvimento de atividades físicas, tendo em consideração o grande repertório motor, devido ao grande número de experiências que foram desenvolvidas desde a infância.

Os meninos, desde seu nascimento, são incentivados a jogar bola na rua, empinar pipa, andar de bicicleta, rolar para baixo em batalhas sem fim, escalar as paredes e se envolver em outras atividades de riscos e desafios. As meninas são assim desencorajadas de se envolver em tais esportes e brincadeiras por serem tratadas culturalmente como seres frágeis (ROMERO apud DARIDO et. al, 2005, p. 107).

Ayoub e Amaral (2011) comprovaram que os meninos são mais habilidosos para a prática esportiva e para jogos coletivos, enquanto as meninas não compartilham a mesma intensidade nessas práticas, pois não querem suar e manter-se limpas. No entanto, durante sua pesquisa, os autores alertaram que o conceito é considerado uma ideologia estereotipada de meninas e meninos, pois nem todos os meninos se associam aos esportes e jogos coletivos e que as meninas também conhecem e adoram jogar.

A separação por sexo, nas aulas de Educação Física, fundamenta-se no sentindo de corpo como algo biológico e no conceito que o corpo feminino é naturalmente mais fraco que o corpo masculino. Cruz & Palmeira. (2009) ao citar Daólio (1995) considera que

> Há uma construção cultural do corpo definida e colocada em prática em virtude das especificidades culturais de cada sociedade. Assim, há uma valorização de certos comportamentos em detrimento de outros, fazendo com que haja um conjunto de gestos típicos de uma determinada sociedade. (DAÓLIO, p 02, 1995)

Esse discurso corporal de gênero acaba por tornar as meninas mais fragilizadas em relação ao movimento. É fato que os garotos são mais fortes do que as meninas, por uma questão anátomo-biológica. Entretanto, também é verdade que o discurso de gênero colabora para isso: o não incentivo ao movimento corporal torna a menina mais debilitada em termos de vivências corporais. Dessa maneira, o professor de Educação Física pode refletir com os alunos que eles (meninos e meninas) são sujeitos construídos socialmente e que essa influência é determinante

no desenvolvimento das práticas corporais.

Dessa forma, o professor precisa intervir na construção de novos discursos referindo-se ao trabalho com aulas mistas, pois do contrário, reforça-se o discurso social de gênero vigente. É necessário compreender que

> As aulas mistas surgiram no panorama da Educação Física Escolar argumentando a possibilidade de desconstrução de estereótipos sexuais e a viabilização dos conteúdos para ambos os sexos, de forma igualitária [...]. A intervenção pedagógica do docente torna-se fundamental para a desconstrução de alguns estereótipos e a minimização da separação dos sexos nas aulas de Educação Física Escolar, incentivando a prática de alunos e alunas nas mesmas atividades corporais, contribuindo para o desenvolvimento da solidariedade, gerando um melhor entendimento da construção social das diferenças de gênero e conseqüentemente, a tolerância de ambos os sexos, sobre o seu desempenho nas atividades motoras propostas (JESUS e DEVIDE, 2006, p. 128-129).

Objetivando estabelecer construções de novos discursos e a educação faz-se necessário contribuir para o próprio aluno se reconhecer enquanto sujeito e perceber-se enquanto sujeito formado pela influência de diversos aspectos, como ideologia, família, igreja, escola, mídia e etc. Destaca-se ainda a necessidade da escola e dos professores reconhecerem o próprio aluno como sujeito.

4 METODOLOGIA

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Esse estudo teve sua fundamentação baseada a partir da caracterização qualitativa de caráter descritiva com abordagem voltada à revisão narrativa da literatura. Uma revisão de narrativa da literatura é realizada sob uma análise das principais possibilidades da questão norteadora. Atallah (1998) caracteriza uma pesquisa descritiva de revisão de literatura como abordagem qualitativa, pois, é a partir de outros estudos que se reúnem estudos semelhantes e somente assim é possível avalia-los criticamente em sua metodologia.

A pesquisa bibliográfica se desenvolve ainda na procura da explicação de um problema, sendo utilizado o conhecimento disponível a partir das teorias publicadas em livros, revistas, periódicos e outros. Nessa pesquisa há um levantamento do conteúdo disponível na área do tema, para posteriormente analisar e avaliar como o trabalho irá contribuir para a compreensão ou explicação do problema da investigação (KÖCHE, 2002).

As revisões narrativas são usadas para descrever a natureza artística de um determinado tópico, do ponto de vista teórico ou contextual. Esse tipo de revisão não fornece uma maneira de procurar pistas, ou as fontes usadas, ou os critérios usados na avaliação e seleção de atividades. Contém basicamente (I) análise da literatura (II) interpretação (III) e análise crítica pessoal do pesquisador (BERNARDO; NOBRE; JANETE, 2004).

Para Trentini e Paim (1999) a seleção criteriosa de uma revisão narrativa de literatura pertinente ao problema significa familiarizar-se com o texto, adotando o caráter narrativo e compreensivo, que busca descrever e discutir um determinado assunto sob ponto de vista teórico e contextual.

4.2 SOBRE A BUSCA

A pesquisa foi realizada no banco de dados Periódico Capes identificando estudos que relatassem sobre o debate de gênero nas aulas de Educação Física, além de livros e e-books disponibilizados de maneira gratuita.

O período de busca foi entre agosto a outubro de 2022, juntamente com a extração das evidências, não sendo delimitado um período específico para as publicações. Os descritores que

nortearam essa pesquisa foram: “gênero”, “educação física” e “atividades mistas”. Foram utilizados os operadores boleanos OR e AND para busca.

4.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Os artigos que compõem os resultados desta pesquisa estão em língua portuguesa, apresentando a sua versão completa e disponível de forma gratuita.

Dentre os critérios de exclusão foram removidos do estudo os trabalhos que não se relacionaram diretamente com a temática proposta pelos descritores após a leitura dos títulos e resumos.

4.4 PROCEDIMENTOS

Para realização desse delineamento foram utilizados alguns momentos como aborda Gil (2009): 1) escolha do tema; 2) seguido de um levantamento bibliográfico preliminar acerca do tema para familiarizar-se; e 3) formulação do problema de maneira clara e precisa; 4) Elaboração do plano provisório de assunto; 5) Busca das fontes nos catálogos das bibliotecas e bases de dados; seguido da seleção dos textos de acordo com os objetivos; 6) Leitura do material; 7) Fichamento; 8) Organização lógica do assunto; e a última etapa da pesquisa bibliográfica; 9) Redação do texto, que sua elaboração depende do estilo do autor.

4.5 ANÁLISE DOS DADOS

A análise da pesquisa foi realizada de forma sistemática, realizando uma avaliação sobre os dados extraídos dos conhecimentos citados nos artigos. A investigação dos artigos selecionados foi criteriosa e observacional, assim, avaliando os artigos que melhor respondem à questão da pesquisa. Em seguida, os resultados foram observados e descritos, sendo exposto através das discussões com todo embasamento necessário respondendo à pergunta norteadora.

Os dados foram analisados sob a ótica da Análise de Conteúdo por Bardin (1977) por meio das seguintes fases: Na primeira fase de pre-análise o pesquisador leu o texto flutuante, o que significa inicialmente conhecer a história e criar familiaridade com ele / Na segunda fase de pró-análise aconteceu à seleção de texto, após o pesquisador fazer uma leitura flutuante abrangente e, em seguida, uma seleção de textos que incluiu um coro de análise de conteúdo.

Concluindo mais uma etapa do processo, sem sair da organização da análise, o

pesquisador entrou na última fase, exploração do material, e nesta seção a definição analítica, relativa ao corpus submetido a pesquisas aprofundadas, guiadas por ideias e referenciais teóricos.

Sobre a organização analítica, Bardin (1977) afirma que para ter resultados confiáveis e significativos disponíveis, o analista pode sugerir conceitos e interpretações, e adiantar interpretações a propósitos dos objetivos previstos.

5 DISCUSSÕES

5.1 EQUIDADE DE GÊNERO NAS AULAS MISTAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A inicial separação por gênero começa na infância, a divisão dos brinquedos e das brincadeiras, onde a família, igreja e a mídia ainda propagam, ensina e reforça estereótipos sociais. Percebe-se que os brinquedos são direcionados a um determinado público, brinquedos para meninos e brinquedos para meninas, pois a nossa cultura reforça que deve haver diferenciação conforme o gênero (TEODORO E PASSOS, 2012).

A educação infantil é uma etapa da educação básica que normatiza fortemente as relações dos indivíduos, sendo um importante espaço para analisar as expectativas em torno do gênero das crianças pelos professores. Ribeiro (2012) ao analisar gênero e diversidade sexual nos currículos da Educação infantil, aponta que as construções sociais cruzam-se nos diferentes campos de relações dos sujeitos, mas na educação infantil há uma resistência em se trabalhar a temática, deixando de problematizar as diferentes atribuições de papéis conferidas a meninas e meninos, o que acarretará a falta de equidade, passo importante para que o cenário de desigualdade seja modificado. Assim, desde crianças, as pessoas são categorizadas como pertencendo a um ou outro gênero através dos significados da sua aparência e comportamentos, como, por exemplo, o vestir, o penteado, a maneira como se movimentam, a sua linguagem corporal (ANTHONY, 1997).

Ao referir-se à linguagem corporal, logo se enxerga à importância da disciplina Educação Física no currículo escolar, algo fundamental que precisa se fazer presente nas reflexões de produções nacionais e internacionais no âmbito da pedagogia do desporto. A linguagem corporal, aqui, nesse espaço de fala, permite que os/as estudantes aprendam a viver em sintonia com o seu corpo, à sua tarefa educativa primordial, ao educar, formar, socializar e possibilitar experiências a partir do corpo, e nos ajude a situar as formas em que pensamos, pelas quais sentimos e nos movemos e que ainda nos permita compreender e interpretar os movimentos dos nossos corpos em relação com os sistemas e estruturas culturais (BENTO, 2001).

Daolio (1996) afirma que a Educação Física desenvolve a cultura do movimento e está diretamente associada à formação pessoal, devendo esta ser trabalhada de maneira contínua e

mista (não divisão) desde a pré-escola seguindo o mesmo molde das outras disciplinas escolares, como por exemplo, o português, discutindo e desenvolvendo o raciocínio, interpretação e lógica das problemáticas.

Na pesquisa de Silva et al. (2015), quando questionado a respeito deste tipo de divisão, o professor justificava-se utilizando como critério a diferença no que tange a questão de agilidade, velocidade e força física. De acordo com os professores interrogados essa separação é considerada "natural" levando em vista que os corpos masculinos são considerados mais fortes e ágeis.

Explicando a naturalização da separação nas aulas de Educação Física, Dornelles (2012) propõe que a maturação dos corpos ocorre de maneira distinta entre meninos e meninas. O estudo de Altmann et al. (2011) aponta que alguns professores justificam a separação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física de acordo com as razões biológicas, no qual os meninos são mais fortes e coordenados que as meninas. Entretanto, o estudo aduzem que os aspectos físicos não justificam a desigualdade entre homens e mulheres encontradas no discurso social da construção da identidade em sujeito masculino e feminino (LOURO, 1996).

As aulas mistas podem ser utilizadas como ambiente de conscientização e quebra de paradigmas instalados na sociedade, de que meninos são mais viris e habilidosos para práticas esportivas e quando as meninas se sobressaem das outras ou até mesmo deles sua feminilidade é questionada sendo novamente rotuladas. Altmann et al. (2011) informam que o trabalho misto e a diversificação das aulas favorecem a socialização dos alunos e contribuem para enfrentar conflitos encontrados na educação.

Convergente ao estudo de Dornelles, Goellner (2012) mostra que o esporte é um espaço de concepção de masculinidade e feminilidade e as diferenças biológicas encontradas entre ambos os sexos não justificam a naturalização das diferentes experiências vividas no ambiente esportivo. Porém, Dornelles (2012) afirma que para alguns docentes há uma impossibilidade do trabalho misto em determinada faixa etária se atendo apenas ao desenvolvimento motor, impossibilitando a compreensão do corpo e dos conhecimentos além dos movimentos.

Dessa forma, a exclusão dentro das práticas esportivas ainda se encontram presentes atualmente, cujas meninas vivenciam de maneira distintas dos meninos ou até mesmo são excluídas das práticas, e no momento da aula acabam ocupando outros espaços da escola, ou se refugiam em grupos do seu sexo para evitarem ser sujeitas a comportamentos e/ou atitudes desagradáveis por parte dos seus colegas.

Mariano e Altmann (2015) apontam que a separação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física pode ocorrer de acordo como o professor leciona e a maneira como ele

incentiva seus alunos. Altmann et al. (2011) afirmam que esse é um dos desafios do profissional de Educação Física, encontrar maneiras de empoderar meninas e jovens mulheres a sentirem-se mais confiantes e habilidosas ao usarem seus corpos, em vez de constrangidas por formas restritivas de padrões corporais de gênero.

Em um estudo realizado, a saber, sobre a construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar, Cruz e Palmeira (2009), analisando a explanação e a prática dos professores de Educação Física, apontam na fala de uma deles que a Educação Física no âmbito escolar auxilia na "formação" de alunos críticos e atuantes na sociedade, entretanto acredita-se que o mesmo ao afirmar sobre a separação das aulas, "isso se dá porque faz parte da nossa cultura", baseia-se no argumento utilizado por alguns/as professores/as, de que as crianças já chegam às escolas separadas por sexo, já que, em casa e nas ruas meninos não brincam com meninas e, portanto, há recusa de atuarem juntos nas aulas de Educação Física.

Contra este argumento, Freire (1989) lembra que, por mais que se compreenda a questão cultural envolvida no contexto social, manter essa separação seria o mesmo que reforçar o preconceito já existente e conformar as pessoas, à sociedade, inclusive aos seus vícios, enfim, não é tarefa fácil, mas assim como a missão de todo educador, professores de educação física, necessitam realizar uma educação global, que realize a quebra de tabus, e que promova o ensino para a diversidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi compreender a equidade de gênero nas aulas mistas de educação física dentro do ambiente escolar. Foi possível verificar que existem muitas dificuldades dentro das práticas relacionadas à equidade de gênero, desde a resistência na educação infantil em trabalhar a temática, a separação de gênero nas aulas práticas e à forma como o professor leciona junto à maneira como ele incentiva seus alunos.

Nesse sentido, devem ser objetivadas intervenções com novas ações pedagógicas dentro da disciplina de educação física, sendo capaz de sensibilizar os/as alunos/as e trabalhar questões de diversidade dentro da disciplina, minimizando dessa forma os estereótipos e dicotomia de gênero, possibilitando aos jovens vivenciar as múltiplas possibilidades do corpo em movimento, estendendo assim a outras experiências que ultrapassaram as dicotomias sexo-gênero.

Conforme encontrado na literatura, as questões de gênero ainda são um tanto controversas dentro do ambiente escolar, principalmente no que diz respeito à separação de sexo nas aulas. Mas, de fato, na conversa dos autores, trabalhar a ideia de homogeneização das aulas irá contribuir com o desenvolvimento social dos alunos, excluindo as práticas do desrespeito e da exclusão.

Portanto, devem-se procurar alternativas pedagógicas que auxiliem na instrumentalização do ser humano para a transformação da sociedade, como praticas pedagógicas transformadoras, que, além disso, se mostram como importantes ferramentas para superar as desigualdades instituídas em nossa sociedade.

A educação desempenha um papel vital na socialização dos indivíduos e pode afetar o padrão de vida. A escola deve, portanto, incorporar práticas e iniciativas educativas que introduzam conscientemente o objetivo da igualdade de gênero e a eliminação de práticas sexistas como estratégia de socialização. A escola deve problematizar essa discriminação, utilizá-la como conteúdo pedagógico e tentar promovê-la mais

igualitário, mais justo, mais fraterno e menos discriminatório, explorador e injusto. Deve trazer para a discussão as relações de gênero, desnaturalizar identidades socialmente construídas, levar os alunos a refletir sobre sua identidade como resultado

um emaranhado de regulamentos e ditames que os moldaram passo a passo por meio de processos sociais complexos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, M.; MARQUES, D. B. Análise de conteúdo em termos de Bardin aplicada à comunicação corporativa sob o signo de uma abordagem teórico-empírica. **Entretextos**, v. 16, n. 1, p. 115-144, 2016.

ALTMANN, H.; AYOUB, E.; AMARAL, S. C. F. **Educação Física Escolar E Igualdade De Gênero: Um Estudo Transcultural – Primeiras Aproximações**. XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte Salvador. Bahia, 2009.

ALTMANN, H.; AYOUB, E.; AMARAL, S. C. F. Gênero na prática docente em Educação Física: "meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar"? **Estudos Feministas**, Florianópolis, vol. 19, n. 2, maio-agosto 2011.

ALTMANN, H; AMARAL, F. C. S.; AYOUB, E. Gênero na prática docente em educação física educação física: "meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos o jogar"? In: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2. maio/ago. 2011.

ALTMANN, H; AYOUB, E; GARCIA, E. F; RICO, E. R; POLYDORO, S. A. J. Gênero e cultura corporal de movimento: práticas e percepções de meninas e meninos. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, vol. 26, n.1, maio 2017.

ATALLAH, AN. C., AA. **Revisão Sistemática e Metanálises, em: Evidências para melhores decisões clínicas.** São Paulo. Lemos Editorial, 1998.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARREIRO, A. et al. Ideologia de gênero: notas para um debate de políticas e violências institucionais. **Temáticas**, v. 24, n. 47, p. 223-246, 2016.

BENTO J. **Da Legitimação da Educação Física.** Educação Física. Coleção Prata da Casa 11, 9-32, 2001.

BERNARDES, N. Gênero e educação: construção, debate e polêmica. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 1, 1997.

CAMARGO, S. A. P.; SAMPAIO NETO, L. Fe. Sexualidade e gênero. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, v. 19, n. 4, p. 165-166, 2017.

CHAN-VIANNA, A. J.; MOURA, D. L.; MOURÃO, L. Educação Física, gênero e escola: uma análise da produção acadêmica. **Movimento,** Porto Alegre/RS, v. 16, n. 2, p. 149-166, 2010.

COSTA, C. L. A presença e ausência do debate de gênero na geografia do ensino fundamental e médio. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero,** v. 2, n. 2, p. 76-84, 2011.

CRUZ M. M. S.; PALMEIRA F. C. C.; Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar. **Motriz**, Rio Claro, v.15, n.1, p.116-131, jan./mar. 2009.

DAOLIO, J. **Da cultura do Corpo**. Campinas: Papirus, 1995

DE JESUS, Mauro Louzada; DEVIDE, Fabiano Pries. Educação física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes. Movimento (Porto Alegre), v. 12, n. 3, p. 123-140, 2006.

DAOLIO, J. **Educação física escolar: em busca da pluralidade.** Revista Paulista de Educação Física, p. 40-42, 1996.

DORNELLES, P. G. Do corpo que distingue meninos e meninas na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, Campinas, vol. 32, n. 87, p.187-197, mai.-ago. 2012.

FIRMINO, F. H.; PORCHAT, P. Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de "problemas de gênero". DOXA: **Revista Brasileira de Psicologia e Educação,** v. 19, n. 1, p. 51-61, 2017.

FRANCO, N. **Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades na escola**, 2016.

GIDDENS A. **Modernidade e Identidade Pessoal.** Oeiras: Celta Editora, 1997.

GOELLNER, S. V. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Revista Tempo**. Vol. 19, n. 34, 2012.

GONÇALVES, A. L. Gênero e história das mulheres na historiografia. **Revista Estudos Feministas,** v. 16, n. 3, p. 1112-1114, 2008.

JESUS, J. G. Feminismo e identidade de gênero: elementos para a construção da teoria transfeminista. **Anais do Fazendo Gênero**, v. 10, p. 1-10, 2013.

JESUS, M. L.; DEVIDE, F. P. Educação física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes. **MOVIMENTO**, Porto Alegre, v.12, n. 03, p. 123-140, setembro/dezembro de 2006.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. 20ª ed. Atual. Petrópolis (SP): Vozes; 2002.

LOURO, G. L. Uma leitura da História da Educação sob a perspectiva do gênero. **Teoria & Educação**. Porto Alegre: Pannonica, nº 6, pp. 1992, pp. 53-67.

LOURO, G. L., Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, M. J. D.; MEYER, D. E.; **Gênero e saúde**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1996.

MACEDO, R. G. M.; TOLEDO, G. D.; SILVA, V. B. Memórias do debate sobre gênero e

sexualidade da Escola de Aplicação da FEUSP. Fronteiras: **Revista Catarinense de História**, n. 38, p. 243-258, 2021.

MACHADO, A. P. **Meninas E Meninos E Suas Relações De Gênero Nas Aulas De Educação Física Escolar**. Salão do Conhecimento, 2016.

MARIANO, M.; ALTMANN, H. Educação Física na Educação Infantil: educando crianças ou meninos e meninas. **Cadernos**, nov. 2015.

MATOS, A. P. Discursos ultraconservadores e o truque da" ideologia de gênero": gênero e sexualidades em disputa na educação. **Revista Psicologia Política**, v. 18, n. 43, p. 573-586, 2018.

MATOS, M. I. S. **Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros – percursos e possibilidades.** In: SAMARA, Eni de Mesquita. (org.). Gênero trajetória em Debate: e perspectiva da historiografia contemporânea. São Paulo: EDUC, 1997. P. 83-114.

MORAIS, J. F.S.; BAIÃO, J. C.; FREITAS, C. J. Questões de gênero e sexualidade na escola: narrativas docentes. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 13, n. 32, p. 1, 2020.

PEREIRA, Fabio Alves dos Santos et al. Currículo, educação física e diversidade de gênero. 2009. PEREIRA, Fabio Alves dos Santos et al. Currículo, educação física e diversidade de gênero. 2009.

PROETTI, S. As pesquisas qualitativa e quantitativa como métodos de investigação científica: Um estudo comparativo e objetivo. **Revista Lumen**, v. 2, n. 4, 2018.

RIBEIRO, C. M. (org). **Tecendo gênero e diversidade sexual nos currículos da Educação infantil.** Lavras: UFLA, 2012.

SANTANA, C. G; MESSIAS, F. R.; PINHO, M. J. S. Gênero, Sexualidade e Escola: O que e quem tem pesquisado na Educação Básica? **Revista Multidisciplinar do Núcleo de Pesquisa e Extensão (RevNUPE)**, v. 1, n. 1, p. e202106-e202106, 2021.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ-MESTRE, J. Os gêneros escolares. Das práticas de linguagem aos objetos de ensino. **Revista brasileira de educação**, n. 11, 1999.

SILVA K.; OLIVEIRA N. N.; SILVA J. R.; SANTOS L. A. T.; **Gênero e Educação Física Escolar: Tensões e Implicações Pedagógicas**.2015.v 7, n. 1, 2015.

SILVA, D. W.; SARTORI, A. T. O gênero “debate regrado” no espaço escolar. **Entretextos**, v. 16, n. 2, p. 153-178, 2016.

SILVESTRIN, J. M. P.; SARAIVA, M. C. O. O debate de gênero nas propostas curriculares da Educação Física na Educação básica dos estados do Paraná e do Rio Grande do Sul. Pedagógica: **Revista do programa de Pós-graduaçao em Educaçao-PPGE**, v. 15, n. 31, p. 389-416, 2013.

SOARES, C. L. Da menarca ao debate sobre gênero: a educação do corpo feminino na revista brasileira Ciências do Esporte. **Revista Gênero**, v. 7, n. 2, 2007.

SOUSA, A. S.; OLIVEIRA, G. As.; ALVES, L. H. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, 2021.

TEODORO, M. A.; PASSOS, R. A. **Banco de brinquedos: entretecendo diversidades.** In: RIBEIRO, C. M. Tecendo gênero e diversidade sexual nos currículos da Educação infantil. Lavras: UFLA, 2012.

TORRADA, L.; RIBEIRO, P. R. C.; RIZZA, J. L. Estratégias de resistência possibilitando o debate de gênero e sexualidade na escola. **Revista Contexto & Educação**, v. 35, n. 111, p. 46-63, 2020.

TRENTINI, M.; PAIM, L. **Pesquisa em enfermagem: uma modalidade convergente assistencial.** Florianópolis: Ed. UFS. 1999. Disponível em: https://www.scielo.br/j/reben/a/DFPzcTJpGHPYkZtQkKWQpWD/?format=pdf&lang=pt Acesso em: 10 out. 2022

UCHOGA, L. A. R.; ALTMANN, H. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, p. 163-170, 2016.